

ANEXO I

RESUMO EXPANDIDO

DO SILENCIAMENTO A CURIOSIDADE: ONDE ESTÃO AS MULHERES NA HISTÓRIA ENSINADA SOBRE A CABANAGEM EM PLATAFORMAS DIGITAIS?

Leonardo Ryon Alves dos Santos¹
Danielle Figuerêdo Moura²

RESUMO

Este trabalho investiga como a participação feminina na Cabanagem é abordada em plataformas digitais voltadas ao ensino de História, problematizando sua presença ou ausência nesses espaços. Embora a historiografia recente tenha evidenciado a atuação ativa das mulheres no movimento cabano, essa dimensão ainda aparece de forma limitada ou inexistente em conteúdos online destinados à educação básica. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamentou-se em análise documental e na observação de *websites* educativos sobre a Cabanagem, selecionados a partir dos primeiros resultados do mecanismo de busca *Google*. Os resultados indicam que as narrativas digitais tendem a reproduzir interpretações tradicionais, centradas em lideranças masculinas e em uma leitura predominantemente político-militar do movimento, enquanto a participação feminina é frequentemente omitida ou reduzida a papéis secundários. Conclui-se que há um descompasso entre os avanços da historiografia e o ensino de História em ambientes digitais, evidenciando a necessidade de produzir conteúdos mais plurais, críticos e historicamente fundamentados sobre a Cabanagem.

Palavras-chave: Cabanagem; Ensino de História; Mulheres; Plataformas digitais.

INTRODUÇÃO

A historiografia acerca da Cabanagem — movimento revolucionário e social de grande relevância na história da Amazônia e do Brasil — é vasta, diversificada e marcada por diferentes tradições interpretativas. Desde obras clássicas, como *Motins Políticos*, de Domingos Antônio Raiol, até pesquisas mais recentes, como as desenvolvidas pela historiadora Magda Ricci, o tema tem sido analisado sob múltiplas perspectivas, contemplando dimensões políticas, sociais e culturais do movimento cabano. Esse conjunto de estudos contribuiu significativamente para a consolidação da Cabanagem como objeto central da historiografia amazônica e brasileira, evidenciando sua complexidade histórica e a pluralidade de sujeitos envolvidos no conflito.

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pará (FAHIS/IFCH/UFPA). Bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa “A justiça no Grão-Pará em tempos cabanos: os revezes das magistraturas leiga e togada”. Grão-Pará, 1835-1840” vinculado ao Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador (PRODOUTOR) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: leonardoryon88@gmail.com.

² Possui graduação em História (bacharelado/licenciatura) pela Universidade Federal do Pará (2002), mestrado em História pela Universidade Federal do Pará (2009) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Pará (2023). Atua como professora na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA/UFPA). Email: dmoura@ufpa.br.

Contudo, apesar da amplitude e da densidade analítica dessa produção, ainda persistem lacunas relevantes: a investigação sistemática da presença feminina nas diversas instâncias do movimento cabano e, sobretudo, das formas como essa participação é representada (ou não) no ensino de História. Embora existam contribuições importantes — como as pesquisas de Eliana Ramos Ferreira, que evidenciam múltiplas formas de atuação das mulheres no contexto da Cabanagem — esse enfoque permanece relativamente marginal na produção historiográfica. Ainda mais reduzido é o número de estudos que articulam a temática da Cabanagem ao campo do ensino de História, especialmente no que se refere às narrativas didáticas sobre o movimento (Santos; Moura, 2026). Mais incipiente, e particularmente preocupante, é a quase inexistência de análises voltadas ao ensino de História da Cabanagem em plataformas digitais e ambientes on-line de aprendizagem (Santos; Moura, 2026), espaços que vêm assumindo papel cada vez mais relevante na circulação do conhecimento histórico e na formação de estudantes da educação básica (Andrade, 2018).

Considerando a crescente centralidade das tecnologias digitais na produção e difusão de conteúdos educacionais, torna-se fundamental problematizar como determinados sujeitos históricos são representados — ou silenciados — nesses ambientes (Andrade, 2018). Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar de que maneira aparecem (ou não) as figuras femininas nas narrativas acerca da Cabanagem em plataformas digitais dedicadas ao ensino de História e à educação básica. Busca-se, assim, contribuir para o preenchimento dessa lacuna historiográfica e didática, estimulando novas investigações que articulem gênero, cultura digital e ensino de História.

METODOLOGIA

O presente estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, orientada pela busca de uma compreensão aprofundada do objeto investigado (Mazzotti; Gewandsznajder, 1999). Essa perspectiva metodológica privilegia a interpretação dos fenômenos em seus contextos históricos e socioculturais, permitindo examinar significados, representações e silenciamentos presentes nas fontes analisadas. Entre os procedimentos adotados, destaca-se a pesquisa documental, estruturada a partir do levantamento e da análise da produção bibliográfica relacionada à mulheres na Cabanagem, ao ensino de História e às tecnologias digitais aplicadas à educação. A escolha desse método justifica-se por sua capacidade de fornecer um referencial teórico consistente e um panorama interpretativo abrangente.

Paralelamente, realizou-se a análise de *websites* voltados ao ensino de História da Cabanagem, tomando como recorte empírico os resultados exibidos na primeira página de buscas da plataforma *Google*. Tal delimitação metodológica se justifica pela centralidade dessa plataforma no acesso contemporâneo à informação, uma vez que concentra a maior parte do mercado global de mecanismos de busca e influencia diretamente a visibilidade dos conteúdos digitais (Jhean, 2025). Estudos sobre comportamento informacional indicam que a maioria dos usuários tende a consultar apenas os primeiros resultados disponibilizados, o que justifica o recorte adotado (Jhean, 2025). A análise desse conjunto documental inspirou-se nas contribuições metodológicas de Lüdke e André (1986), permitindo não apenas mapear e organizar os conteúdos identificados, mas também problematizar suas abordagens, limites e implicações no campo do ensino de História. Nessa perspectiva, cada documento digital foi compreendido como uma produção situada, atravessada por escolhas narrativas, intencionalidades e pressupostos pedagógicos.

Por fim, foi feita a leitura contextualizada do corpus documental, reconhecendo que toda fonte expressa visões de mundo, interesses e expectativas de seus produtores. Assim, a pesquisa documental consolidou-se como instrumento central da investigação, exigindo uma análise crítica e reflexiva capaz de apreender não apenas o conteúdo explícito dos materiais, mas também suas ausências, contradições e formas de representação do passado.

UMA CATEGORIA AUSENTE: MULHERES NA CABANAGEM

O levantamento realizado possibilitou a sistematização de um de dados. A organização desse material permitiu não apenas mapear os conteúdos disponíveis, mas também problematizar as formas de abordagem da Cabanagem no ambiente digital. A partir dessa análise, foram obtidos os seguintes resultados:

Quadro 1 - *Websites* levantados

Websites levantados				
Nome da plataforma	Objetivo da plataforma	Título da matéria	Autoria	Menciona as mulheres
Educa+Brasil	Plataforma educacional com conteúdo para estudantes	Cabanagem	Joseane Rosa	Não
Toda Matéria	Site de apoio escolar com resumos e exercícios	Cabanagem: o que foi, suas causas e principais líderes	Juliana Bezerra	Sim
Brasil Escola	Portal educacional com conteúdo didático nacional	Cabanagem: antecedentes, causas, líderes	Carlos César Higa	Não

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Bezerra (2020); Higa (2008); Rosa (2019).

De modo geral, nenhum dos sites analisados apresenta uma abordagem consistente sobre a participação feminina na Cabanagem. Um dos aspectos mais problemáticos nas narrativas dessas plataformas refere-se à centralidade atribuída a determinados “líderes” do movimento (Bezerra (2020); Higa (2008); Rosa (2019)). Em geral, os conteúdos limitam-se a mencionar figuras como Félix Malcher, Eduardo Angelim e Francisco Vinagre, que, embora tenham desempenhado papéis expressivos no levante, não foram os únicos (Pinheiro, 1999). Essa ênfase em lideranças individuais contribui para a simplificação do fenômeno histórico e obscurece a participação coletiva e plural que caracterizou a Cabanagem.

Em praticamente todos os sites analisados, as mulheres são silenciadas ou mencionadas apenas de forma secundária, frequentemente reduzidas a papéis de apoio logístico. Um exemplo disso aparece no portal Toda Matéria, único site que menciona as mulheres apenas como “curiosidade”, e que afirma que essas teriam sido responsáveis por levar informações e alimentos aos rebeldes (Bezerra, 2020, p. 4). Embora tais ações tenham, de fato, existido, a participação feminina esteve longe de se restringir a esse tipo de atuação. Como demonstram os estudos de Ferreira (2010), as mulheres foram agentes constitutivos do movimento cabano, atuando como informantes, mediadoras, provedoras, negociadoras da liberdade de familiares e, possivelmente, combatentes armadas. Reduzir essa presença a uma curiosidade histórica significa reproduzir uma visão limitada e imprecisa do processo histórico.

A invisibilização das mulheres na narrativa histórica não é exclusiva da Cabanagem, mas insere-se em uma tradição historiográfica mais ampla. Como observa Michelle Perrot (2006, p. 185), a escrita da história foi, durante muito tempo, estruturada a partir de experiências masculinas, privilegiando espaços de poder e ação associados aos homens e relegando as mulheres a posições secundárias ou à chamada “pequena história”. Nesse sentido,

investigar a participação feminina na Cabanagem significa também questionar os limites dessas tradições interpretativas e ampliar o campo de análise histórica.

A documentação do período revela, contudo, a presença ativa de mulheres em diferentes dimensões do conflito. O marechal Francisco José de Souza Soares de Andrea, principal responsável pela repressão ao movimento, chegou a classificar algumas delas como “perigosas mulheres”, como no caso de Maria Amália, identificada como espiã ligada a Eduardo Angelim. Em correspondência oficial, o militar reconheceu sua capacidade de articulação e circulação de informações, demonstrando que a atuação feminina era percebida como uma ameaça concreta à ordem imperial (APEP, SPP, código 1034, doc. 11).

Outros exemplos reforçam essa diversidade de experiências. Destacam-se as chamadas “farinheiras” do rio Maroé, responsáveis pela subsistência de suas famílias e possivelmente apoio operacional aos cabanos (Ferreira, 2010). Há também registros de mulheres que atuaram diretamente na defesa de seus familiares, como a esposa do capitão Francisco Fernandes Macedo, que tentou negociar a absolvição do marido junto ao Conselho de Guerra do Grão-Pará (APEP, SPP, código 1083, doc. 82). Esses episódios revelam estratégias de negociação e sobrevivência em um contexto de forte instabilidade social.

Mesmo no rescaldo do conflito, a presença feminina também se fez notar nos processos de reconstrução da província. Documentos registram o emprego de mulheres em obras públicas, como a construção da igreja de Moju, e em atividades produtivas no interior da província (APEP, código 1083, doc. 423). O caso de Miquelina da Matta Nobre, que solicitou autorização para trabalhar em um barco pesqueiro em 1838 por ser um trabalho mais “leve”, evidenciando como o trabalho podia funcionar simultaneamente como instrumento de controle social mas também como estratégia de sobrevivência. Outro episódio significativo é o de Maria do Carmo, mulher negra que, em 1837, recorreu à justiça para defender sua condição de liberta diante de tentativas de reescravização (APEP, SPP, Código 1034, doc. 190). A instabilidade provocada pela Cabanagem abriu brechas no controle sobre a população escravizada, permitindo fugas, deslocamentos e novas formas de ação política e social (Pinheiro, 1999). Mesmo sem conhecer o desfecho do processo, o gesto de recorrer às autoridades evidencia uma atuação consciente e estratégica de uma mulher negra, contrapondo-se a interpretações historiográficas que, por muito tempo, minimizaram a presença negra e a agência de pessoas escravizadas na Amazônia (Pinheiro, 1999).

Esses diferentes episódios demonstram que a presença feminina na Cabanagem esteve longe de ser marginal: ela foi parte constitutiva das dinâmicas sociais, políticas e econômicas desencadeadas pelo conflito. Reconhecer essa dimensão é fundamental para ampliar a compreensão histórica do movimento e superar leituras centradas exclusivamente em lideranças masculinas ou em narrativas político-militares tradicionais. No campo do ensino de História, essa reflexão torna-se ainda mais relevante. A construção de um ensino que permita aos estudantes reconhecerem-se como sujeitos históricos contribui para a formação de uma consciência histórica crítica e socialmente comprometida. Como destacam Tamanini e Souza (2019), o uso da internet e das tecnologias digitais influencia diretamente a maneira como os alunos compreendem o passado, tornando essencial a avaliação crítica dos conteúdos disponíveis on-line. Dessa forma, torna-se imprescindível incorporar ao ensino da Cabanagem os avanços historiográficos já consolidados, incentivando a produção de materiais didáticos — especialmente no ambiente digital — que reflitam a pluralidade de experiências do movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a análise evidenciou que as narrativas digitais sobre a Cabanagem ainda reproduzem abordagens tradicionais, centradas em lideranças masculinas e pouco sensíveis à diversidade de sujeitos históricos envolvidos no movimento. A participação feminina, embora

documentada pela historiografia, permanece amplamente invisibilizada ou reduzida a papéis secundários nessas plataformas de ensino.

Diante disso, reforça-se a necessidade de aproximar a produção historiográfica recente dos conteúdos destinados à educação básica, especialmente nos ambientes digitais, de modo a promover interpretações mais plurais e críticas do passado. Valorizar essas múltiplas experiências históricas contribui não apenas para uma compreensão mais complexa da Cabanagem, mas também para a construção de um ensino de História mais inclusivo e socialmente significativo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. V. Ensino de história frente às tecnologias digitais: um olhar sobre a prática. *Revista História Hoje*, v. 7, n. 14, p. 172–195, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i14.363.

BEZERRA, Juliana. Cabanagem. *Toda Matéria*, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cabanagem/>. Acesso em: 12 out. 2025.

FERREIRA, Eliana Ramos. Guerra sem fim: mulheres na trilha do direito à terra e ao destino dos filhos (Pará – 1835-1860). 2010. Tese (Doutorado em História) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

HIGA, Carlos César. Cabanagem. *Brasil Escola*, 2008. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/cabanagem.htm>. Acesso em: 12 out. 2025.

JHEAN, G. 83 estatísticas de SEO para 2025 (atuais e verificadas). *AIOSEO*, 2025. Disponível em: <https://aioseo.com/br/seo-statistics/>. Acesso em: 12 out. 2025.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisas quantitativas e qualitativas. São Paulo: Pioneira, 1999.

PERROT, Michelle. Mulheres. In: PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 167-273.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. A revolta popular revisitada: apontamentos para uma história e historiografia da Cabanagem. *Projeto História*, São Paulo, n. 19, p. 227-241, nov. 1999.

ROSA, Joseane. Cabanagem. *Educa Mais Brasil*, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/cabanagem>. Acesso em: 12 out. 2025.

SANTOS, Leonardo Ryon Alves dos; MOURA, Danielle. AS NOVAS LUTAS DA CABANAGEM: O ENSINO DE HISTÓRIA E A BNCC.. In: . Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xv-forum-de-pesquisa-e-extensao-da-escola-de-aplicacao-da-universidade-federal-do-para-519539/1065714-AS-NOVAS-LUTAS-DA-CABANAGEM--O-ENSINO-DE-HISTORIA-E-A-BNCC>. Acesso em: 15/02/2026

TAMANINI, Paulo Augusto; SOUZA, Maria do Socorro. As tecnologias digitais no ensino de história no Brasil: um mapeamento das pesquisas acadêmicas. *Revista Docência e Ciberultura*, v. 2, n. 3, p. 141–158, 2019. DOI: 10.12957/redoc.2018.36814.